

## A SOCIOLINGUÍSTICA

Rogério Santos dos Prazeres  
(Universidade de Brasília)

O texto de Régine Robin nos esclarece que a pretensão de buscar a especificação do objeto da sociolinguística não é o mais importante, de modo que vale mais tratar da retomada metodológica crítica ou o uso da metodologia crítica a ela relacionada. Justamente pelo desencadeamento das reflexões que ela provoca, pertinente às observações teóricas da escola culturalista, acerca das possibilidades entre cultura e linguagem. A esse respeito, a autora ressalta que concorda com Sapir ao enfatizar a “íntima ligação”, para não antecipar de nossa parte uma “tessitura”, entre sistema referencial e sistema expressivo da língua, no qual neste último ele, Sapir, insistiu ao levar em conta a “imbricação” complexa da linguagem com o contexto cultural e social.

Para Robin, a diferença entre estes sistemas está que no primeiro temos o domínio da linguística da língua, e, que o segundo “compreende todas as manifestações ligadas à linguagem”. Nesse caso, o objeto é assentido como aspecto do comportamento. Destarte, ela também considera a advertência, por parte de Sapir, de não estabelecer simples homologia entre cultura e linguagem, tendência que para ele é inaceitável, porque as mudanças culturais e as mudanças linguísticas não seguem em ritmo semelhante, ou seja, não se deve procurar nelas relação causal que às une estreitamente.

Acerca da proposta sociolinguística, do texto de Robin, *a fortiori*, entendemos uma preocupação: que se assimile a cultura num sentido mais largo do termo, isto é, de forma que relações estabelecidas entre linguagem e cultura não constituam o eixo de pesquisa para os sociolinguistas. Ademais, sob este aspecto, ela nos deixa claro que a Etnolinguística é constituída como estudo da mensagem linguística em ligação com o conjunto das circunstâncias da comunicação.

Ao considerar essa preocupação, preza-se que não se entenda a língua como mero código, mas, em contrapartida, não há razão para desprezarem os produtos da língua, incluindo-se textos orais ou escritos, e da mesma forma, os laços entre língua e elementos paralinguísticos, que são muitas vezes determinantes. Daí por ela colocar em relevo dois conjuntos para situar o problema: 1) língua, a mensagem linguística; e 2) cultura, formulado de diversas maneiras, muito vago de abordar.

Segundo a autora, para entendermos a Sociolinguística é preciso reformular proposições de base, como ela mesma explicita, de um Sapir, de um Whorf e, antes deles, de um Humboldt ou de um Cassirer, a ponto de compreendermos que a cultura está tanto na língua como a língua está na cultura, e são indissociáveis. E mais, não se deve dividir em mundo objetivo e em mundo das atividades sociais, portanto é errôneo acreditar que nos adaptamos à realidade sem o intermédio da língua, que não passaria mais do que um meio acessório para solucionar problemas de comunicação ou reflexão.

É insuficiente relacionar dois universos, já que ambos estão “estritamente enredados”, “moldados juntos”, acrescenta Régine Robin. Ela cita B. Pottier, para quem “a Etnolinguística ou Sociolinguística é um estudo de relações, um relacionamento; e vagas propostas quanto à natureza do conjunto correligado com a mensagem linguística”, que ainda assim é global demais, ou disperso demais. Global demais, por conceber a cultura em sentido largo; ou disperso demais, em vista de todas as circunstâncias de comunicação.

É emblemática a informação, por parte de Robin, de que um dos fundadores da Sociolinguística nos Estados Unidos, J. Fischman, oscilando entre o nome sociolinguística e sociologia da linguagem, traz à tona o caráter embrionário, limitando-se a solicitar de que linguistas não operem abordagens ingênuas dos fatos sociais.

Mais preciso que o americano, J.-B Marcellesi, diz ela, tem como ponto de partida que “a sociolinguística tem por objetivo colocar em evidência o caráter sistemático da covariação das estruturas linguísticas e sociais e eventualmente estabelecer uma relação de causa e efeito”(MARCELLESI *apud* ROBIN). De acordo com Robin, Marcellesi acaba por ser excessivo, esforça-se por uma definição em seus trabalhos, sabendo-se bem que estruturas socioculturais e estruturas linguísticas estão longe de serem isomorfas.

Para Robin, Marcellesi deseja afigurar à sociolinguística um campo de pesquisa, uma vez que, em nível metodológico, ele se coloca face a inconvenientes que constituem muitos problemas de ordem teórica, e mais especificamente com a instância ideológica. Logo, o rubicão está justamente ao estatuir conceitos, as categorias postas em jogo na sociolinguística do discurso para circunscrever o extralinguístico, reduzindo-a ao empirismo, à justaposição de fatores particulares, carentes de hierarquia.

Robin acentua no texto uma armadilha que ela chama de “análise interna”, que se caracteriza por interpretar e analisar sem sair do terreno linguístico. Armadilha em que a formação social é considerada apenas para determinar as condições de produção do texto. E isso denota a separação entre Linguística e Sociologia ou Linguística e História, ao deixar

paralelas estas ciências. Linguística e sociologia estão unidas para J. Sumpf, assim nos indica Robin, posto a rigor que o sentido da Sociolinguística é o acesso radicalmente intralinguístico às imediações da vida social.

Consequentemente, a formulação de tal acesso, parafraseada de J. Sumpf vai ao encontro da de L. Guespin, *ipse litere*: “se o que a ideologia significa socialmente estava fora do campo da Linguística, seria necessário admitir de uma vez por todas que a análise do discurso é impossível”. O que implica necessariamente que a análise do discurso pode tirar conclusões sobre a função discursiva e a ideologia ancorada numa dada função social. A mesma hipótese também ocorre em Fontana, cujo foco está num *corpus* histórico.

O cerne da problemática identificada no texto de Robin está na análise interna, por ser um protótipo de análises estruturais em geral, de causalidade homológica, sem hierarquia, sem dominância. Com destaque para a falta de aporte teórico, e inadmissão de mudar de terreno. A autonomia do nível discursivo é ambígua, as conclusões teóricas podem ser muito diferentes. Ela postula que com as observações supracitadas não há interesse em desvalorizar as análises linguísticas, pesquisas sobre o discurso, a lógica específica do texto, de reduzir o discurso à ideologia ou de cumprir função ideológica.

Deste texto, com Robin concluímos que, por um lado análises estruturais tiveram o mérito de colocar à luz os mecanismos de funcionamento do discurso ou do significante, por outro, numerosas análises internas e estruturais identificam ideologia e lógica interna. No entanto, há risco, de acordo com Kristeva, de romper a análise destes sistemas significantes com a história e com o sujeito, e nunca elucidar a produção e transformações internas ou externas. Então, convém questionar pela explicação da ideia residual de complementariedade para dizer se há no interior da Sociolinguística possível aproximação ou intersecção com a Ética Discursiva de Apel. Ora, é mesmo imprudente prescindir de advertências de evitar esforços em diversas direções. E não resultar mesmo na articulação da prática discursiva crítica contextual da cultura com o conjunto da formação social crítica da língua, se recusada a íntima ligação entre linguagem e cultura, numa tessitura histórica entre língua e ética, pra dar escape aos linguistas da análise interna, inclusive do solipsismo metódico e do behaviorismo linguístico.

**REFERÊNCIA**

ROBIN, Régine. **A Sociolinguística**. *In: História e Linguística*. Trad. Adélia Bolle. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 51-60.